



FORMAÇÃO DE JOVENS EM AGROECOLOGIA COMO MEIO DE AMPLIAR CONHECIMENTOS E RE-TERRITORIALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS RURAIS.

BRANDÃO, Vinícius Henrique ¹

VILLELA, Lamounier Erthal²

INSTITUIÇÃO FINANCIADORA: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

1 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, vinicius.publi@hotmail.com

2 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, lamounier.erthal@gmail.com

O presente trabalho busca analisar a relação entre as informações /conhecimentos que são necessários aos jovens no campo, produtor rural agroecológico, para sua permanência no meio rural com a possibilidade de geração de renda (viabilidade econômica e bem-estar (Inclusão Social e Respeito Ambiental)). Este estudo se justifica porque a juventude brasileira advinda do meio rural continua a abandonar o campo e a agricultura, procurando alternativas nos grandes centros urbanos, onde acabam por ser, em grande parte, mão-de-obra em uma engrenagem de trabalho, o que, por muitas vezes, os despersonalizam e os desterritorializam. Foram feitas entrevistas e observação participativa com uma amostra de jovens selecionados da região da Baía da Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro, que participaram do curso “Formação agroecológica para jovens cidadãos do Rio de Janeiro”. A principal indagação desta pesquisa é: qual é o tipo de conhecimento e quais são as informações necessárias para fornecer aporte de geração de renda e bem-estar ao jovem, fazendo-o optar por permanecer no campo? A pesquisa aponta para uma construção de conhecimentos a partir da agroecologia¹, dialogicidade de informações, do acesso às políticas públicas e aparelhos do Estado, da construção de uma cultura rural desenvolvida, forte e orgulhosa de suas origens. Este processo de construção se desenrola em um constante exercício para a concepção do desenvolvimento de autonomia da juventude rural, edificando seus próprios significados, construindo e redescobrimo seus valores, em trocas diárias de saberes para aprender e por consequência para ensinar, intervir, conhecer, sonhar, transformar.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia, juventude rural, informação, dialogicidade, políticas públicas

This paper seeks to analyze the relationship between the information/knowledge that is needed by young people in the countryside, agroecological rural producers, for their permanence in rural areas with the possibility of income generation (economic feasibility and well-being (Social Inclusion and Environmental Respect)). This study is justified because Brazilian youth from rural areas continue to abandon the countryside and agriculture, looking for alternatives in large urban centers, where they end up being, in large part, labor in a work gear, which, many times, depersonalizes and deterritorializes them. Interviews and participatory observation were carried out with a sample of young people selected from the Ilha Grande Bay region, in the state of Rio de Janeiro, who participated in the course “Agroecological training for young citizens of Rio de Janeiro.” The main question of this research is: what is the type of knowledge and what information is needed to provide generating income and well-being for young people, making them choose to remain in the countryside? The research points to a construction of knowledge based on agroecology¹, dialogicity of information, access to public policies and State apparatus, the construction of a developed rural culture, strong and proud of its origins. This construction process unfolds in a constant exercise to design the development of rural youth autonomy, building their own meanings, building and rediscovering their values, in daily exchanges of knowledge to learn and therefore to teach, intervene, know, dream , to transform.

KEYWORDS: Agroecology, rural youth, information, dialogicity, public policies

El presente trabajo busca analizar la relación entre la información / conocimiento que necesitan los jóvenes del campo, productores rurales agroecológicos, para su permanencia en el medio rural con posibilidad de generación de ingresos (viabilidad económica y bienestar (Inclusión Social y Respeto Ambiental)) .Este estudio se justifica porque los jóvenes brasileños del campo continúan abandonando el campo y la agricultura, buscando alternativas en los grandes centros urbanos, donde terminan siendo, en gran parte, trabajadores en un engranaje de trabajo, que, muchos tiempos, los despersonaliza y desterritorializa. Se realizaron entrevistas y observación participativa con una muestra de jóvenes seleccionados de la región de la Bahía de Ilha Grande, en el estado de Rio de Janeiro, quienes participaron en el curso “Formación agroecológica para jóvenes ciudadanos de Rio de Janeiro”. Janeiro”. La pregunta principal de esta investigación es: cuál es el tipo de conocimiento y qué información se necesita para brindar generar ingresos y bienestar para los jóvenes, haciéndolos optar por permanecer en el campo? La investigación apunta a una construcción del conocimiento basada en la agroecología¹, la dialogicidad de la información, el acceso a las políticas públicas y al aparato del Estado, la construcción de una cultura rural desarrollada, fuerte y orgullosa de sus orígenes. Este proceso de construcción se despliega en un ejercicio constante para diseñar el desarrollo de la autonomía de la juventud rural, construyendo sus propios significados, construyendo y redescubriendo sus valores, en intercambios diarios de conocimientos para aprender y por tanto enseñar, intervenir, conocer, soñar, transformar.

PALABRAS CLAVE: Agroecología, juventud rural, información, dialogicidad, políticas públicas

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a relação entre as informações/conhecimentos que são necessários aos jovens no campo, produtor rural agroecológico³, para sua permanência no meio rural com a possibilidade de geração de renda (viabilidade Econômica e bem-estar (Inclusão Social e Respeito Ambiental). Este estudo se justifica porque a juventude brasileira advinda do meio rural continua a abandonar o campo e a agricultura, procurando alternativas nos grandes centros urbanos, onde acabam por ser, em grande parte, mão-de-obra em uma engrenagem de trabalho, o que, por muitas vezes, os despersonalizam e os desterritorializam (HAESBAERT, 2004).

Este processo de êxodo que vem ocorrendo acaba por nos remeter às cenas vividas em meados dos anos 1970, no qual grupos de contingentes de homens, mulheres e crianças passaram por um processo acelerado de expropriação⁴ de suas terras

3 A Agroecologia corresponde a um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica, reconduzir o curso alterado da co- evolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade. Em tal estratégia, dizem os autores, joga um papel central a dimensão local como portadora de um potencial endógeno que, por meio da articulação do saber local com o conhecimento científico, permita a implementação de sistemas de agricultura alternativa potencializadores da biodiversidade ecológica e da diversidade sociocultural. Sevilla Guzmán e González de Molina (1996)

4 O significado literal do termo “expropriar” é “tirar legalmente a propriedade de alguém”, ou seja, é o ato de desapossar. De acordo com Azevedo e Bialoskorky Neto (1997), a expropriação tem um sentido mais amplo e, por isso, também significa perder benefícios, via meios legais ou não (pelo uso da força), que antes eram apropriados pelo

e tiveram que se mudar para os núcleos urbanos, lugar onde tiveram que empregar sua força de trabalho e mão-de-obra. E o que temos como cenário na atualidade, e que vem se misturando aos motivos do passado, é o meio rural retratado como um cenário de atraso e abandono, no qual são apresentadas questões de inviabilidade econômica, material, estrutural e social para o jovem, pois a falta de iniciativas de políticas públicas, bem como a falta de políticas específicas voltadas para a produção e vida rural, exclui este indivíduo e destrói suas possibilidades de ter uma vida digna no meio rural.

O debate sobre a permanência do jovem no campo, em certo aspecto, tem uma estreita relação com os atrativos que a cidade pode proporcionar (lazer, escolas, universidades, comércio e trabalho com remuneração regular), enquanto por outra via há repulsa às atividades agrícolas e ao meio rural (atividade agrícola penosa, dura e difícil; baixos rendimentos, irregulares e aleatórios; trabalho sob sol quente ou em lugares ou posições desconfortáveis). E, para Brumer (2007), os indivíduos migram, avaliam e pesam tais fatores e, geralmente, enfatizam os fatores de repulsão na decisão de migrar “[...] na medida em que os indivíduos fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação” (p. 37).

O caminho percorrido para abordagem desta pesquisa se dá no campo do conhecimento acerca da Agroecologia como aporte de habilidades e competências necessárias para a permanência do jovem no campo. Foram feitas entrevistas e observação participativa com uma amostra de jovens selecionados da região da Baía da Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro, que foram participantes no curso “Formação agroecológica para jovens cidadãos do Rio de Janeiro”. Este curso tem como proposta levar a regiões estratégicas do Estado ações educativas inovadoras para formar jovens lideranças no meio rural fluminense, seguindo a metodologia “jovem educa jovem”, utilizando a pedagogia da alternância por meio de técnicas de aprendizado significativo, com

detentor da posse da terra, independente da posse ser formalizada ou não.

projetos pedagógicos integradores, para garantir que a lógica “do aprender a fazer fazendo” não se perca.

A partir das constatações iniciais nesta introdução e dos temas previamente levantados, a principal indagação desta pesquisa é: qual é o tipo de conhecimento e quais são as informações necessárias para fornecer aporte de geração de renda e bem-estar ao jovem, fazendo-o optar por permanecer no campo?

DESENVOLVIMENTO E DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS

Alguns atributos devem ser evidenciados como pré-requisitos pelos quais o pesquisador almeja nas competências em desenvolver seu trabalho. Para Gil (1999), um bom pesquisador precisa, além do conhecimento do assunto, ter curiosidade, criatividade, integridade intelectual e sensibilidade social. São igualmente importantes: a humildade para ter atitude autocorretiva, a imaginação disciplinada, a perseverança, a paciência e a confiança na experiência.

Na atualidade, o sucesso em uma pesquisa está vinculado ao potencial do pesquisador em estabelecer redes dentro do universo de seu objeto de pesquisa, bem como a sua capacidade de captar recursos, fazer alianças que proporcionem a tecnologia e os equipamentos necessários para o desenvolvimento de sua pesquisa.

Minayo (1993, p.23), observando com a lupa do viés filosófico, considera a pesquisa como atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que definem um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Os sujeitos selecionados para realização deste estudo compreendem 15 jovens selecionados de um total de 60 jovens alunos participantes do curso de Formação Agroecológica para Jovens do Rio de Janeiro.

Moradores do Território Rural da Baía da Ilha Grande, estes jovens provenientes de assentamentos, tribo indígena, comunidade de pescadores e áreas voltadas à agricultura, apresentam o interesse em aprender e compreender a Agroecologia e incorporá-la em seu cotidiano. Delimitando então os sujeitos selecionados por sua localidade e interesse em Agroecologia, acredita-se que os resultados das entrevistas a serem realizadas foram corroborados com material satisfatório para elaboração da análise acerca do problema proposto.

AGROECOLOGIA E JUVENTUDE RURAL

A Agroecologia, para além de ser uma ciência acerca do manejo de maneira ecológica e responsável dos recursos naturais, é abordada como um campo do conhecimento científico sob uma perspectiva de enfoque holístico⁵. A integração e a articulação de áreas do conhecimento e diferentes disciplinas de distintas ciências demonstram aos jovens a abrangência do estudo da Agroecologia, os quais passam a compreender a magnitude e extensão do campo de conhecimento da agroecologia. O que fica evidenciado pela fala do jovem 6:

“Posso dizer que eu tinha uma visão que eu achava que eram só as pessoas que comiam orgânico, que cuidava da terra por movimento, mas vi que a definição é muito maior, ela é muito mais que eu achava pois mistura muitas coisas como agricultura, união, como entender as pessoas, costumes. Não tem uma só definição, é uma junção de muitas coisas”. Jovem 6

A Agroecologia integra um gama de diferentes conhecimentos, tanto o científico quanto o conhecimento popular tradicional, e isto permite uma compreensão e uma análise crítica acerca do modelo de desenvolvimento e de agricultura industrial capitalista. Este desenho de estratégias

5 Etimologicamente, a palavra “holístico” deriva do grego holos (todo, completo, visão do conjunto). Na abordagem holística o todo não significa a soma das partes, mas é maior do que esta.

hegemônicas para o desenvolvimento rural proposto pelo agronegócio é debatido à luz da nova proposta de desenvolvimento territorial rural sustentável. Nesse sentido, transcende apenas os modelos agrários, e passa a exercer mudanças no cotidiano das pessoas, em seu estilo de vida, modo de consumo, maneira de se alimentar e modos de vida. E isso fica evidenciado pela visão do jovem 1 quando opina sobre a agroecologia:

“É um conceito e um modo de vida, uma mescla entre isso, é a maneira de se portar no campo e se estende além do campo. É um estilo de vida, um modo sustentável de se viver do campo. Para um resumo de agroecologia”. Jovem1

No que diz Morin (1999, p. 33) a Agroecologia se identifica como o “pensar complexo”, no que “complexus significa o que é tecido junto”. “O pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações”. Com isso, a Agroecologia não se enquadra em paradigmas convencionais e reducionistas, pois as relações às quais se propõe avaliar se dão no campo social, político e ambiental, havendo nisso a complexidade.

Desta forma uma nova abordagem paradigmática é necessária ao trabalhar o tema junto aos jovens, uma abordagem que englobe conhecimentos de diferentes disciplinas e que una os saberes populares e a cultura de cada um, de forma a enxergar a Agroecologia como transversal, acessível e democrática. E a visão agroecológica deverão ser unânime ao reconhecer que ela:

“é a junção de conhecimentos e técnicas no qual o grande e o pequeno são repassados de forma mais ampla, muita teoria e técnica que tem que chegar no pequeno, e são coisas boas. Ela é o que move os sistemas e plantios, conexão, forma de plantio em geral” Jovem 4.

E, após serem abordados acerca da agroecologia em seus conceitos e concepções, busca-se junto ao jovem perceber o grau de envolvimento que ele, junto aos demais jovens, tem com os agricultores e produtores locais, bem como o interesse pela agricultura familiar. E o que se evidencia através da pesquisa é o mesmo

obtido pelas bibliografias acerca do êxodo rural, onde

“são poucos os jovens que são interessados na parte de ajudar os pais e assumir os sítios, são poucos ou quase nada, nem terminam os estudos e já procuram emprego nas áreas urbanas e se submetem a pequenos salários”. Jovem6.

Esta fala evidencia a questão sucessória no campo, pois o jovem, ao migrar para os centros urbanos, deixa uma lacuna no campo e, desta forma, não há renovação da força de trabalho e junto a isto os costumes e tradições do campo tendem a se enfraquecer.

A pesquisa aponta que o problema se torna ainda mais complexo, ao passo que as famílias de muitos jovens fazem parte do processo migratório e, desta forma, a lacuna é ainda maior. E muito recorrente no território rural da Baía da Ilha Grande é a ocupação destes espaços para a construção de casas de veraneio e condomínios por conta da proximidade com a natureza e dos recursos naturais.

“As famílias que estão lá há algum tempo já migraram todas ou quase todas para a cidade, então as famílias que estão lá chegaram recentemente e não conhecem da história do assentamento, ou nem reconhecem lá como tal, então os jovens que estão lá não participam da associação. Os agricultores que ainda mantêm as suas terras para produção local ainda têm essa troca, pois às vezes, um trabalha na terra do outro, tem muito mutirão, feira, troca de produtos. Os que não produzem, são como se fosse outra comunidade, pois veem lá apenas como lugar para fim de semana com uma cachoeira”. Jovem5

A pesquisa aponta que há dificuldades também no entrosamento entre os moradores, agricultores e os atores sociais das localidades, criando entraves para a comunicação. Com a precariedade da mesma, não há diálogo e, não havendo diálogo, amplia a carência de informações e, conseqüentemente, acabam por agir de maneira individualizada, o que remete ao individualismo metodológico⁶, evidenciado

6 O individualismo metodológico é uma reivindicação sobre o caráter da explicação.

pela fala do jovem6:

“Na parte da união na localidade, não tem uma união das pessoas em um ajudar o outro, querem crescer sozinhos, não tem um pensamento de unir forças. E a partir desse problema, dá origem a outros, como agrotóxicos que podem gerar problemas para o vizinho, e foge da agricultura familiar”. Jovem6

Esse individualismo ainda pode acarretar maiores problemas aos agricultores, pois a agricultura familiar trata-se de um processo em unidade com o bioma ali presente. É um sistema de interação entre os seres vivos, seja de origem vegetal, seja de origem animal. Caso um agricultor possua um sistema agroecológico em sua propriedade, e tenha como vizinho outro agricultor que opte pelo sistema convencional agrícola, sua plantação estará comprometida, pois o agrotóxico e veneno usados na propriedade de seu vizinho podem passar à sua propriedade também. Assim, constitui-se preocupação ao jovem a conscientização de sua localidade, ao passo que □mostrar para os outros que isso é uma forma viável, é uma forma possível, muito mais demorada que a forma convencional, porém, dá resultado□. Jovem5

PARTICIPAÇÃO, INFORMAÇÃO E POLÍTICA

A participação representativa fornece aos jovens uma experiência de vivenciar os processos de construção de projetos, de pautas e ações com o coletivo. Essa experiência permite ao jovem vivenciar e construir determinados valores tais como a solidariedade, o engajamento em causas locais e a alteridade, isto é, respeitar e aprender, perceber e reconhecer o outro,

Afirma que todos os fenômenos sociais são mais bem explicados pelas propriedades dos indivíduos compreendidos no fenômeno. Ou, de outra maneira, que toda explicação que envolve conceitos sociológicos de nível macro deveria, em princípio, ser reduzida a explicações no plano micro dos indivíduos e suas propriedades.

bem como suas diferenças. Percebe-se isto não apenas na vida política, mas em cunho social, cultural e religioso:

“Apesar de eu trabalhar com ecumenismo, estou inserido na igreja católica, então participo dos debates ali, desenvolvo atividades dentro da igreja católica também com os jovens, então consigo pegar um pouquinho de cada coisa”. Jovem1

Logo, a participação política não se constrói em um vazio cultural ou histórico: os jovens carregam características, costumes e histórias que lhes são próprias da idade e de seu cotidiano, enriquecendo e ampliando o debate político. Tão logo essa experimentação de convívio com as diferenças (Castro, 2008; Mouffe, 2003; 2005) se revele, seu engajamento na defesa de pautas coletivas, abandonando o individualismo metodológico em direção ao bem comum (Castro & Menezes, 2002), caminham para a construção de uma identidade coletiva (Prado, 2001). E essa flexibilidade e abertura a novas ideias pertinentes a juventude é que cria parâmetros a esse desenvolvimento.

“Porque os conhecimentos que eu adquiri me proporcionam mudar o jeito como eu me relaciono com as pessoas, porque a gente encontra culturas novas, novos modos de agir que a gente pode adquirir para nossa vida, nosso modo de falar, no modo de agir, no modo de trabalhar com a terra, e isso me ajuda bastante” Jovem2

Porém, infelizmente, há uma desconfiança e descontentamento por parte da juventude acerca da política institucional e seus mecanismos. Isso se dá pelo fato de ainda haver um afastamento entre a juventude e o poder público, ou essa relação se basear em premissas de clientelismo e relações políticas de troca, onde pela fala do Jovem2 se reforça ainda mais essa afirmação demonstrando uma menor governança:

“O poder público nem chega lá. Pois quando queremos alguma coisa, temos que dar alguma coisa para eles, para quem eles possam ajudar a gente, é tudo por interesse. A prefeitura age por interesse. Para montar um projeto pela prefeitura, se eles não verem que vai ter um retorno para eles, eles não vão te ajudar. Só se você tiver um conhecimento

alto lá dentro, aí você até consegue”. Jovem2

A dificuldade na comunicação é evidente e, sem o repasse de informações, os jovens agricultores relatam a dificuldade na tomada de decisões e na construção de ações coletivas, pois uma vez que o poder público reflete no modo de agir da população, estes não se comunicam e não interagem, e dificultam a participação e o controle social.

“Particularmente eu sempre tento saber mais do que estão dizendo, por exemplo “ vou fazer tal obra, vai ter a reforma do colégio”, então eu busco saber, o preço que saiu o edital, quem ganhou o edital, saber essas informações para saber se o dinheiro que está sendo depositado naquilo, está indo para esse rumo, tendo a destinação correta do recurso. Nem todos fazem isso, mas um fazendo, ou meu amigo fazendo um pouco e eu fazendo um pouco, a gente acaba levando para o pessoal e assim vai espalhando”.

Jovem1

“Há falta de interesse do poder público em passar as informações e o interesse da sociedade em querer aprender a informação a qual é nova para ele. Porque tem vários sistemas e métodos e para a sociedade aprender”.

Jovem4

“Há desafios, de um modo geral minha comunidade é muito desestruturada e falta, apesar do canal de comunicação ser amplo, chegar informação para as pessoas, o que acaba dificultando. É difícil pois não sabem dos direitos deles, e quando queremos lutar pelos nossos direitos, não sabemos deles. As pessoas que lutam pelo território têm medo, pois a informação não chega de uma forma correta e pensam que podem ser presos ou mortos, e isso atrapalha muita coisa”. Jovem8

Visto a dificuldade de comunicação e interação entre o poder público e os agricultores das localidades estudadas, percebe-se que esta relação é deveras conflituosa, e de alguma maneira ela existe de maneira turva, pouco transparente. O agricultor não tem conhecimento dos atos do poder público e as informações não chegam em sua totalidade ou com clareza. “É bastante conflituoso, e

nada que seja de forma eficaz, as coisas, mesmo tendo bastante interesse, acabam que não acontecem por falta de querer, pois envolve uma política sem ordenamento, e se fosse tudo transparente, andaria bem melhor”. Jovem1

Outro ponto constatado é a precariedade na forma como se comunicam poder público e jovens agricultores: de um lado pela dialogicidade e, de outro lado, a falta de interesse de uma parcela da juventude rural em não buscar conhecimentos acerca da vida rural, siquiera se informar sobre inovações ou até mesmo um desconhecimento sobre seus direitos e acesso a políticas públicas. Quando perguntado ao Jovem2 acerca da comunicação que melhor atenderia a sua localidade, ele diz: “Seria bom a televisão, porque quando a gente tem internet, a gente não pesquisa essa informação, só ficando mandando mensagem para os outros, seria bom televisão”.

Entretanto, apesar de a televisão ser apontada como meio de comunicação em massa com maior alcance, outra frente que tem sido explorada nos últimos anos é o uso de mídias digitais, com destaque para a internet, a qual se torna meio e espaço para a participação política, participação online ou até e-participação (GIBSON e CANTIJOCH, 2013; NORRIS, 2001).

É inegável que o uso de mídias sociais é uma forte tendência entre os jovens, e neste ponto não há distinção entre urbano ou rural: as redes se estendem por toda cidade e campo, e a pesquisa aponta que todos os entrevistados estão conectados diariamente, trocando e recebendo mensagens em seus smartphones. Os meios de comunicação facilitam o processo comunicativo, uma vez que as “tecnologias expandem a comunicação no tempo, no espaço e na modalidade”(HJAVARD, 2012, p. 66).

“A forma como ela é passada, como exemplo, são poucas pessoas que vão a uma sessão na câmara, pois ninguém explica de uma forma correta o que vai acontecer, o que vai ser debatido; e quando a pessoa vai, ela não está preparada. Uma coisa que pode ser uma benção ou uma desgraça, são os grupos do WhatsApp, que é a forma como nos comunicamos com todos do assentamento.

Se você coloca de uma forma muito maçante ou não explica com as suas palavras claramente o que você vai acontecer, seja uma reunião ou uma sessão, um protesto ou algo do tipo, ninguém vai aparecer. Em relação a informação, não falta, falta uma linguagem para informar aquilo”. Jovem5

Junto à forma como a informação é passada para os jovens agricultores, procurou-se saber qual o grau de confiabilidade que os mesmos têm acerca destas informações. Uma vez que estamos cercados por fake news⁷ que atrapalham o processo de comunicação, causam ruídos e tiram a credibilidade dos atores envolvidos. Os jovens agricultores não sabem ou estão inseguros em quais informações podem ou não tomar como verdade, como se observa nas falas a seguir:

“Sobre essa informação que está chegando na aldeia, eu só confio no cacique, pois a gente não confia no pessoal de fora, não confiamos nos brancos, pois eles sabem enganar a gente”. Jovem2

“De um lado são concretas, a gente quem são os governantes e de que família são, mas claro que nem tudo passado é verdadeiro, mas ameniza um pouco pelo lado social, pois você sabe se poderá fazer algo que pode ou não prejudicar alguém. Você fica com essa viabilidade aberta para apresentar os projetos, que é o que ocorre. Levam muito para o lado político, mas isso já é dever deles”. Jovem4

“As informações não passam por um filtro de confiança, as vezes temos problemas com isso, pois são informações falsas que são replicadas a todos, às vezes nos desesperamos por notícias e às vezes nem era atual ou verdade”.

Jovem5

7 Fake News são uma forma de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais. Este tipo de notícia é escrito e publicado com a intenção de enganar, a fim de se obter ganhos financeiros ou políticos, muitas vezes com manchetes sensacionalistas, exageradas ou evidentemente falsas para chamar a atenção.

Contudo, mesmo ante a este cenário, os jovens que participaram da pesquisa demonstraram que o seu interesse e a sua participação na vida política têm aumentando, e eles estão começando a ocupar espaços cada vez mais de destaque e protagonismo. Ainda há os que, mais tímidos, participam com sua presença, se inteiram do assunto e mostram que estão presentes, o que é muito importante, visto que cada jovem tem um processo diferente de participação. Há os que são mais engajados na participação no primeiro momento e há os que necessitam reconhecer o espaço para se sentirem seguros e assim participarem.

“Tomo muitas decisões dentro do sitio, meu avô quer que eu assuma para ele, então muita coisa que acontece no assentamento eu mostro as minhas ideias e digo a eles, não tem errado e certo, mas tem minhas ideias. Na parte do turismo, desde o início dei muitas ideias e conselhos, sou o segundo secretário da comissão. Faço a comunicação com as propriedades vizinhas, passo propostas boas e pego as ideias deles”. Jovem6

“Eu percebo que cada um que está ali é importante. A vida é um grande quebra-cabeça, então cada pecinha é importante, e quando falta um a gente não consegue completar o quebra cabeça que poderia ajudar num todo, então fica faltando um elo. É como um tripé, se ele apoia algo e você tira um pé, ele não consegue se manter em pé. Na junção de um todo eu sou importante, não sou sozinho, mas no todo. Numa entrevista de Madre Teresa de Calcutá perguntaram para ela que diferença ela fazia no mundo, ela disse que o mundo era o mar e ela era uma gota, e sem ela no mar, o mar seria uma gota menor, e o mar é formado de gotas em gotas assim como nossa sociedade. Então eu acredito que cada um tem a sua finalidade e a sua importância crucial para o desenvolvimento de onde está inserido”. Jovem2

“Porque eu sou um morador de lá e mesmo que não fale nada, você vai estar aprendendo e sabendo do que está acontecendo em volta de você, na sua comunidade”. Jovem3

“Todos têm o mesmo peso, não existe uma hierarquia, desde o mais novo ao mais velho, todos podem falar. Já falei coisas que vi que não uma necessidade só minha e que outras

famílias também tinham e foi resolvido”.
Jovem5

Os fundamentos de cooperativismo e associativismo que, de acordo com Santos e Rodriguez (2005, p. 32-33), é uma forma de organização que tem como finalidade conseguir benefícios comuns para seus associados por meio de ações coletivas e de formas democráticas e que dizem respeito às formas de organização compatíveis com o sistema de economia de mercado. Visto isto percebe-se que os jovens estão se movimentando em relação a uma organização social cooperativa e estão compreendendo o conceito de trabalho solidário almejando melhorias gerais para suas localidades.

“Lá é todos juntos, a gente se ajuda em sociedade, a cacique comunica com a gente o que comunica com outras aldeias, dizendo o que está acontecendo”.

Jovem3

“Nesses últimos anos conseguimos muita coisa para o assentamento, começando pelo asfalto, luz, reforma da escola, várias coisas que não dava para fazer pelo assentamento, o poder público fez. E geralmente tem uma ata, um registro, tudo direitinho, que quando é passado para câmara de vereadores para votação, é feito por uma pessoa que é o presidente da associação, que é responsável por levar a nossa voz para lá. E é feito de uma forma muito clara, seja pelo sim ou pelo não, temos uma facilidade muito grande de conversar com os vereadores”. Jovem5

“Não temos uma associação estruturada, temos um presidente, mas nada estruturado. Quando você tem alguma estrutura e precisa de algo que seja ambiental, saúde ou local, aí é bom ter uma associação estruturada. Mas se você não vai lá e corre atrás e cobra todo mês, eles não estão nem aí para comunidade, se não tem cobrança, eles acham que não está acontecendo nada. Mas se não for do interesse político deles, você pode esperar por anos. E eu como moradora posso cobrar isso, mas eles dizem que a associação não a procura. Mas tudo é movido por interesse, por visibilidade para votos. Precisamos de apoios para tudo”. Jovem8

Junto aos conceitos de cooperativismo e associativismo, fez-se necessário apresentar

os conceitos de sociedade em rede e trabalho em estruturas de rede, mais uma vez atentando para o fim do individualismo e para o fortalecimento do trabalho coletivo. Desta maneira, os jovens passam a enxergar as redes e sua formação, observando que estas são importantes não apenas para sua forma de trabalhar, mas que as redes estão presentes em tudo o que fazem em sua vida cotidiana.

“Estou fazendo alguns trabalhos e quero desenvolver, então eu preciso de ajuda, pois estou fazendo sozinho e quero ajuda para desenvolver. Eu acho que pode, mas tem uns que só pensam no dinheiro, então fica difícil, mas eu quero ajudar”. Jovem3

“Existem redes, mas de forma errada, pois o interesse é sempre maior, pois as redes são criadas por pessoas já por pessoas com potenciais, que ela enxerga na forma de trabalho pequeno, uma fonte de renda. Então não é passado tudo o que a rede em si teria que ter passado. Acredito que na minha cidade existem poucas, mas existem de forma errada, se fossem certas, avançaria no sistema agroecológico na região”. Jovem4

“Não há uma rede, mas através do curso estamos montando uma rede, não apenas na minha localidade, mas entre outros jovens. Estamos dando passos importantes através do turismo, estamos fazendo uma ponte com Paraty e com Lídice, com turismo e feiras. Já lançamos uma demanda ao colegiado, e vemos como passo inicial”. Jovem6

Por meio das redes estabelecidas o jovem tem a possibilidade de realizar outras tarefas não agrícolas no campo, aumentando a gama de possibilidades tanto comerciais quanto para diversão e lazer. Fora mostrado aos jovens conceitos de multifuncionalidade e pluriatividade, que foram definidos como a interação das diversas atividades agrícolas e não-agrícolas. Eles entenderam que podem exercer dentro de suas propriedades bem como fora da propriedade. Segundo Kageyama (1998), a pluriatividade pode ser entendida como a combinação de atividades, por indivíduos ou núcleos familiares, em diferentes setores, conseqüentemente em diferentes mercados.

“A gente tem grupo de jovens da igreja

católica e evangélica, tem campeonatos de futebol, tinha o de vôlei, mas acabou, e tem uma parte que gosto muito de trabalhar que é o ecumenismo e tolerância religiosa, que é novo na cidade, ainda tem um preconceito e as pessoas não conseguem entender muito bem o que é isso, mas aos poucos estamos trazendo e enraizando isso, essa cultura. E que vire cultura na cidade saber respeitar a diversidade e liberdade de escolhas”. Jovem1

“Palestra sobre o desenvolvimento de turismo, onde falta muito investimento em nosso município e nesse setor. Estamos provando que a sociedade pode participar desse avanço. Fora as feiras que estamos realizando, pois agora a sociedade vê quem é o agricultor que faz que é o mesmo que está lá na bancada. A criação de um interposto de ovos caipiras, que até gente de classe alta está querendo criar galinha em casa e vender ovo”. Jovem4

“Lá no assentamento, não é mais só área rural, então a participação do jovem lá é muito pequena, a única coisa que o jovem se importa em permanecer lá, é pela cachoeira, de resto, ele vai ser o primeiro a desmatar, a vender e a fazer a terra se tornar dinheiro de outra forma. No quesito de redes sociais, os jovens não participam de nenhum movimento que seja para permanência na área rural, ou defesa de terra ou algo do tipo. No quesito do assentamento, todas as parcerias fortes, ou todas as pessoas que tem alguma participação, são as que já estão com 65 ou mais anos, são pessoas que estão desde o início do assentamento”. Jovem5

Quando questionados acerca do papel do poder público dentro desta rede, o qual seria de relevante importância, uma vez que os jovens agricultores necessitam de incentivos e políticas públicas específicas para atuarem dentro e fora desta rede com maior amparo e autonomia, os jovens explanaram sobre as suas distintas realidades:

“Ao longo do tempo essa interação vem se fortificando. Tivemos quedas por troca de governo, troca de secretário ligados a isso. Mas tem se fortificando pela patrulha agrícola que vai nas terras aradas, através do suporte da Secretaria de Meio Ambiente e Agricultura que ajuda os agricultores, então é uma coisa

que vem aumentando. Através do poder público tem as assembleias da câmara de vereadores uma vez por semana, o prefeito se coloca de portas abertas para atender os moradores e as secretarias sempre estão abertas a receber quem precisa de alguma coisa e tentar dentro da legalidade ajudar nos problemas delas”. Jovem2

“O poder público nem chega lá. Pois quando queremos alguma coisa, temos que dar alguma coisa para eles, para quem eles possam ajudar a gente, é tudo por interesse. A prefeitura age por interesse. Para montar um projeto pela prefeitura, se eles não verem que vai ter um retorno para eles, eles não vão te ajudar. Só se você tiver um conhecimento alto lá dentro, aí você até consegue”. Jovem3

“Onde moro é dividido em três municípios, Itaguaí, Piraí e Rio Claro, o centro mais próximo é de Itaguaí. Em questão de transporte, não podemos reclamar, é muito bom, mas relação à estrada, como são três municípios é muito dividido, pois falta comunicação entre eles. Em questão de saúde, por Piraí é muito bom, os médicos vão, tem ambulância. E educação, Piraí busca as crianças, leva na escola, é muito bom. Em relação a rio claro, é bem distante, mas está começando agora, em relação a localidade, endereço, eles estão ajudando nisso agora. Mas ainda um faz uma coisa, outro não faz outra, falta o diálogo de poder entre eles mesmos”. Jovem6

“Sabem explorar a gente, querem tirar foto para mostrar que é bonito e é isso, tem uma grande ausência do estado lá e da prefeitura”. Jovem7

Visto isto, pergunta-se ao jovem acerca de perspectivas, o que ele acredita ser possível para realizar, a fim de melhorias nessa relação com o poder público e de acesso à informação.

“Por um lado, ela pode ajudar trazendo mais recursos e palestras, e a única forma de atrapalhar e a não organização do investimento, pois se fizer de uma forma mais justa, o trabalho anda de uma maneira mais bonita, então é pensar de modo geral, são decisões produtivas e concretas, é tomar decisão e fazer e não parar, senão fica feia”. Jovem4

“Uma questão é o endereço, eu precisava de um para provar que tenho um registro, então corremos atrás dessa necessidade de registro das ruas e influenciou o poder público. Até mesmo de capacitação dos jovens, então o poder público precisa apoiar”. Jovem6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos acerca de Agroecologia e juventude rural nos dirige a um fascinante e grandioso campo de análises, estudos e debates. O que fora abordado ao decorrer desta pesquisa tratou acerca das informações transmitidas aos jovens a fim de lhes fornecer aporte de conhecimentos necessários para sua permanência no campo com qualidade de vida, com geração de renda e desenvolvimento de seu território. Os resultados indicam que tamanha é a complexidade a ser explorada acerca da Agroecologia, que acredita-se haver nela a possibilidade de permanência da juventude no campo, onde haja de fato a possibilidade de re-territorialização e permanência do jovem nos espaços rurais.

Vê-se por meio das informações analisadas ao longo desta pesquisa os jovens rurais tornando-se agentes atuantes no processo de mudança social, passando a interagir com diferentes atores sociais e entre grupos sociais, e através de uma abordagem holística da realidade e pelo exercício da iniciativa e da criatividade. Pode-se notar através do discurso de alguns jovens que habilidades estão sendo desenvolvidas e trabalhadas. O quadro abaixo resume tais habilidades das quais foram abordadas como necessárias à juventude rural.

Figura 1: Conhecimentos e informações necessárias à juventude rural



Fonte: Elaboração própria

Por fim, a questão agroecológica nos põe frente a uma série de novos e desafiadores cenários, este de intercomunicação, relação e de dialogicidade não apenas entre a natureza e o homem, mas entre o indivíduo e seus semelhantes, o indivíduo e seus espaços, enfim, entre todas as coisas existentes. Desta maneira, isto significa que não prevalecerá em direitos o mais forte, o mais produtivo ou com maiores recursos. Até que o homem enxergue a natureza como parte de si e se enxergue como parte integrante da natureza os ganhos sob o olhar agroecológico são para todos e de todos. UBUNTU⁸!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Paulo Furquim de; BIALOSKORSKY NETO, Sigismundo. Direitos de propriedade e conflitos fundiários: implicações sobre o uso da terra. Anais do I Encontro Nacional da Nova Economia Institucional. São Paulo, FEA-USP, v. 1, p.1-15, 1997.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CASTRO, Elisa Guaraná; CARNEIRO, Maria José (orgs.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-51.

Castro, Lucia., & Menezes, Jaileila. (2002). Subjetivação Política: Novos Contornos no Contemporâneo. Praia Vermelha: estudos de política e teoria social. Rio de Janeiro, (7),56-80.

CASTRO, L. R. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. Revista Sociologia

8 A palavra Ubuntu, não traduzível diretamente, noção existente nas línguas Zulu e Xhosa - línguas Bantu do grupo ngúni. No entanto nessa tentativa seria “eu sou porque nós somos”. Expressa a consciência da relação entre o indivíduo e a comunidade.

& Política, 16(30), 253-258.

GIBSON, Rachel; CANTIJOCH, Marta. Conceptualizing and Measuring Participation in the Age of the Internet: Is Online Political Engagement Really Different to Offline? *The Journal of Politics*, v. 75, n. 3, 2013. p. 701–716.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.
 HABERMAS, Jürgen. Racionalidade e comunicação. Lisboa: Edições 70, 2002.

HABERMAS, Jürgen. Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social. Tradução Manuel Jiménez Redondo. Madrid. Taurus, 1987. V.1.

HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo. Sobre a crítica da razão funcionalista. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo. Martins Fontes, 2012.

HAESBAERT, Rogério (2004): O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidade. Bertrand Brasil

HJAVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*. v. 5, n. 2, p. 53-91. 2012.

KAGEYAMA, A. Pluriatividade e ruralidade: aspectos metodológicos. *Economia Aplicada*. v. 2 n.3, p.515- 551, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec, 1993.
 MORIN, E. O método. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

NORRIS, Pippa. Digital Divide: civic engagement, information poverty and the internet worldwide. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SANTOS, B. de S.; RODRÍGUEZ, C. Introdução: para ampliar o cânone da produção. Tradução de Vítor Ferreira. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SEVILLA GUZMÁN, E.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. Sobre la agroecología: algunas reflexiones en torno a la agricultura familiar em España. In: GARCÍA DE LEÓN, M. A. (ed.). El campo y la ciudad. Madrid: MAPA, 1996. p.153-197. (Serie Estudios)

Prado, M. A. M. (2001). Psicologia Política e ação coletiva: Notas e reflexões acerca da compreensão do processo de formação identitária do "nós". *Revista Psicologia Política*, 01(01), 149-172.